

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15964 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 25 - GE Corpo e Educação

CORPOS NEGROS, PRETOS VELHOS: ESCREVIVÊNCIAS E ENSINAMENTOS

Dandara Rodrigues Dorneles - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

CORPOS NEGROS, PRETOS VELHOS: ESCREVIVÊNCIAS E ENSINAMENTOS

RESUMO: Este trabalho versa sobre educação, corpo e racismo, através do que se ensina e se aprende em rituais de homenagem a Pretas e Pretos Velhos no Rio Grande do Sul, Brasil. O objetivo é discutir noções de corpo e corporalidade em processos educativos ocorridos durante rituais a essas entidades da religiosidade afro-brasileira. A pesquisa foi realizada nas homenagens a Pretas Velhas e Pretos Velhos da comunidade negra Chácara das Rosas, localizada no município de Cachoeira do Sul, região central do estado. A metodologia adotada neste estudo foi a Escrevivência, na qual experiencia-se o “campo” (con)fundindo escrita, pesquisa e vivência. Como resultado, nas homenagens a Pretas Velhas e Pretos Velho aprende-se conhecimentos estético-corpóreos específicos, por meio dos fazeres ritualísticos (de bebidas, oferendas e guias), dos benzimentos (com arruda, fumaça e tesouras) e diálogos, assim como por meio das próprias histórias, experiências e corporalidade das velhas e negras entidades. Esse conjunto de saberes e fazeres se diferenciam daqueles que desqualificam e matam corpos negros, pelo racismo antinegro e pela antinegitude, pois tem-se nos rituais a Pretas Velhas e Pretos Velhos ensinamentos de vida e vivência ao negro, na conformação de sujeitos, pessoas e mundos coexistentes àquele que impera o sistema colonialista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e(m) terreiros. Religiosidade afro-brasileira. Corporalidade. Treze de maio. Corpo e racismo.

Pretas Velhas e Pretos Velhos, entidades amplamente conhecidas no Brasil, são ancestrais negras(os), africanas(os) e brasileiras(os), que foram escravizadas(os) no período colonial no país. Como o próprio nome indica, fazendo menção tanto ao caráter racial, quanto à condição idosa das entidades no momento em que foram ancestralizadas, tratam-se de entidades negras e velhas. Cultuadas predominantemente no dia treze de maio na Umbanda, as Pretas Velhas e os Pretos Velhos se presentificam através da incorporação em rituais no Rio Grande do Sul. Com sabedoria e zelo no manejo de diversos elementos, são consideradas(os) curandeiras(os), além de auxiliarem as pessoas em suas dificuldades individuais, na fortificação e na limpeza energética (Anjos, 2019; Corrêa, 1991; Lopes, 1988).

Ao focar nestas entidades, de ancestrais negras(os) e anciãs(ãos) que foram

escravizadas(os), e com o entendimento de que tudo ensinam durante os rituais de culto, com intencionalidade ou não, reafirmamos a existência de diversos processos educativos em comunidades tradicionais de matriz africana. A educação em tais comunidades ocorre de forma integrada através, por exemplo, da observação (quando permitida e apropriada), da oralidade (em canções, mitos, histórias), do fazer (comidas, composições) e do saber (preceitos, modos, palavras) (Botelho; Nascimento, 2012; Siqueira, 2004). Ocorre, desse modo, envolvendo todas as dimensões do corpo, seja através da corporalidade presente nas danças e incorporações, seja através de pensamentos e sentimentos que geram forças propulsoras.

Considera-se, assim, que focalizar no espaço social destas comunidades é estudar modos de educar, atentar para mecanismos que operam na constituição de sujeitos e aprender maneiras específicas de viver e pensar na contemporaneidade, inclusive sobre corpo e racismo, junto a entidades da religiosidade afro-brasileira. Nessa direção, o objetivo deste trabalho é discutir saberes e fazeres que educam acerca de determinadas noções de corpo e corporalidade nas homenagens a Pretas Velhas e Pretos Velhos da comunidade negra Chácara das Rosas, localizada no município de Cachoeira do Sul, região central do Rio Grande do Sul.

Para tanto, a metodologia adotada na realização da pesquisa foi a Escrivivência, inspirada na experiência textual de Conceição Evaristo (2017; 2020). Experimentou-se o “campo” (con)fundindo escrita, pesquisa e vivência junto à uma comunidade negra no estado do Rio Grande do Sul. A Escrivivência, como modo de viver a pesquisa, diz respeito a uma investigação do entorno, a uma investigação de vidas muito próximas à da pesquisadora, ao passo que reforça que a pesquisa não é uma escrita sobre si. Logo, trata-se de uma abordagem que considera as múltiplas vivências de negras e negros no Brasil, ao passo que pondera criticamente as discussões acadêmicas e éticas provenientes dos estudos de, sobre e junto a pessoas negras – que são comumente objetificadas (Dorneles; Meinerz; Da Rosa, 2024; Evaristo, 2017; 2020).

Como resultado parcial, nas homenagens a Pretas Velhas e Pretos Velhos ocorridas no dia 13 de maio de 2023 na Chácara das Rosas, os aprendizados ocorrem nos fazeres ritualísticos de colares, bebidas e oferendas, na conservação do território com árvores, matas e córregos sagrados, nas relações de diálogo e benzimento com pessoas da comunidade, e por meio das próprias histórias, vivências e corporalidade das Pretas Velhas e Pretos Velhos. Elas e eles ensinam através de uma corporalidade negra, velha e escravizada, de conhecimentos estético-corpóreos específicos (Gomes, 2017), com preparos e manipulações de ervas, assim como a partir das necessidades cotidianas da comunidade que são identificadas durante os rituais. São diversos os momentos e os aprendizados.

Quando se presenciam por meio da incorporação, as Pretas Velhas e os Pretos Velhos se sentam em troncos ou em cepos, cansados, mas descansados fumam seus cachimbos ou palheiros. Eles vestem branco majoritariamente, usam chapéus de palha ou lenços que cobrem a cabeça, além de portarem guias, bengalas e plantas, que são elementos que também

configuram corporalidade. Conhecidos pelos seus acalentos, conversas e auxílio nas questões de diferentes ordens, sejam físicas ou emocionais, contam histórias que remetem às suas vivências ancestralizadas, realizam benzimentos com rosários, tesouras de ferro, galhos de arruda e velas, bem como orientam sobre banhos de ervas, unguentos e chás, que caracterizam maneiras específicas de fazer corpo historicamente e na contemporaneidade.

A corporalidade de Pretas Velhas e Pretos Velhos é constitutiva de um corpo. O corpo de uma entidade que se manifesta em um corpo físico de outrem e que engendra – por meio do fumo, da vestimenta, bem como modos de falar –, uma dada corporalidade como aquela de Pretas e Pretos Velhos (Anjos, 2019). É neste sentido que tal corporalidade é potencialmente transgressora, visto que retoma uma corporalidade escravizada e a revive como um corpo construído social, histórica e culturalmente no tempo. Corporalidade de entidades que são referências, consideradas avós, avôs, mãe, pai, curandeiras de pessoas violentadas. Pessoas chamadas de feitiçeras, com variados tons de pele e com corpos-caminhos marcados pela escravização, pela colonização e pela racialização.

Há, assim, um conjunto de saberes e fazeres ensinados e aprendidos junto a Pretas Velhas e Pretos Velhos, seja através da incorporação, das histórias, dos rituais ou das homenagens. Tal conjunto de saberes e fazeres produzem determinados ensinamentos que se diferenciam daqueles amplamente difundidos na sociedade. Esses últimos operariam através de cenários históricos de desqualificação das pessoas negras e dos seus corpos, pelo racismo antinegro e pela antinegitude (Vargas, 2020). Já a partir das experiências e rituais junto a Pretas Velhas e Pretos Velhos, há ensinamentos de vida e vivência ao negro, na conformação de sujeitos, pessoas e mundos coexistentes àquele que impera o sistema colonialista.

Logo, em um cenário de tensas e históricas relações raciais, como as relações entre pessoas brancas e negras no Brasil, há escravização, objetificação de corpos, abjeção de pessoas e silenciamento de saberes, que geram sofrimentos incomensuráveis. Ao passo que há em comunidades negras, como na Chácara das Rosas, ensinamentos que encadeiam desejos, alacridade e existências às vidas negras. As Pretas Velhas e os Pretos Velhos, assim como seus rituais de homenagem, portanto, ensinam legados da diáspora africana que envolvem noções de corpo e corporalidade, bem como proporcionam uma escrita corporalizada no chão das comunidades-terreiros, uma Escrivivência, e um conjunto de ensinamentos para a vida no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Brasil: uma nação contra as suas minorias. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 26, n. 3, p. 507-522, 2019.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. **Participação**, Brasília, ano 10, n. 17, p. 74–82, jun./2012.

CORRÊA, Norton Figueiredo. O batuque do Rio Grande do Sul: uma visão panorâmica. *In*: TRIUMPHO, Vera (Org.). **Rio Grande do Sul: aspectos da negritude**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991. p. 145-166.

DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz; DA ROSA, Russel Teresinha Dutra. Escrivência: sentidos na obra evaristiana e modos de viver a pesquisa em educação. **PerCursos**, v. 25, p. 1-24, 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Escrivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Os fundamentos africanos da religiosidade brasileira. *In*: MUNANGA, Kabengele (Org.). **História do negro no Brasil**. Vol.1 – O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004. p. 152-204.

VARGAS, João H. Costa. Racismo não dá conta: antinegitude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 18, n. 45, 2020.